

Introdução

A obra do escritor Raimundo Carrero, desde a publicação de *A história de Bernarda Soledade: a tigre do sertão* (1975) até o lançamento do livro *Estão matando os meninos* (2020), destaca-se pela presença da violência. Tal problemática se apoia no plano do simbólico, uma vez que aponta para uma violência estrutural, já que as obras carrerianas costumam representar situações de injustiça social e estão repletas de personagens marginalizadas¹ (mendigos, loucos, estupradores, prostitutas, criminosos, mulheres, idosos, desempregados) e heterogêneas, que estão inseridas num contexto que tende a homogênisá-las.

Outro aspecto perceptível nas obras do escritor é que a injustiça social e o desmando dos poderosos contribuem para o estado de abandono e para a situação de vulnerabilidade e violência em que suas personagens vivem. Além disso, a sociedade tende a naturalizar a violência vivenciada por aqueles que se distanciam de suas normas, como é o caso dessas personagens. Dessa forma, as narrativas carrerianas nos levam a pensar e a repensar o modo como a sociedade está organizada, pois alertam para questões que são usualmente tratadas com naturalidade: é o caso, por exemplo, da personagem Alvarenga, que pode ser relacionada a milhares de brasileiros que sofrem com a fome, o desemprego, a falta de moradia e de outros direitos essenciais garantidos pela Constituição de 1988 que, no entanto, não são assegurados a todos.

Pensando no modo como a desigualdade social se constitui com todas as injustiças e violências inerentes a ela, o objetivo deste trabalho é analisar o conto “Discurso aos cães”, da obra *As sombrias ruínas da alma* (1999), a partir da perspectiva da violência estrutural, tomando como ponto de análise a personagem central da narrativa: Alvarenga. Personagem que permeia obras de Raimundo Carrero por aproximadamente vinte anos e que, na galeria criada pelo escritor, tem um papel importante porque aponta para diversas questões que precisam ser debatidas, questionadas e superadas em nossa sociedade. No texto em análise, temos um curto recorte de sua vida frente às agruras do trabalho informal e à dupla jornada como “cafetão” de Raquel.

¹ É importante destacar que entendemos por marginal, neste trabalho, personagens que não estão inseridas nem seguem os padrões pré-estabelecidos pela sociedade, seja por sua condição social, faixa etária, profissão, estilo de vida ou qualquer característica ou comportamento desvalorizado socialmente.

Quanto à violência estrutural, de acordo com Galtung (2018), trata-se de um tipo de violência em que não é possível identificar um indivíduo responsável por ela, visto que se encontra na estrutura da sociedade. Tem como uma de suas características a desigualdade de oportunidades de direitos entre os diferentes indivíduos. Inerente à estrutura da sociedade, é silenciosa e invisibilizada. Isso não significa que não seja profundamente maléfica para aqueles a quem atinge, pois, numa sociedade com uma estrutura violenta, a ausência de direitos, para a maioria da população, produz fome, miséria, falta de acesso a saúde, educação, moradia e trabalho.

Discurso aos cães e a violência estrutural

O conto “Discurso aos cães” é um dos 26 textos que compõem o livro *As sombrias ruínas da alma*, precisamente uma das três narrativas que formam a terceira parte da obra intitulada “AS RUÍNAS”. É uma narrativa curta e profunda que tem como protagonista uma personagem tão marcante que, possivelmente, o próprio escritor percebeu que não caberia em quatro páginas e a transforma em protagonista de um de seus romances, *Seria uma sombria noite secreta* (2011), assim como a faz circular por grande parte de sua obra. Trata-se de Alvarenga, um homem de meia idade, trabalhador informal e com traços de retardo mental. Destacamos que algumas dessas características não serão exploradas neste texto, porque são apresentadas em outras narrativas do escritor.

O momento primeiro em que essa personagem aparece na obra carreriana é o romance *Maçã agreste* (1989). Trata-se de uma personagem secundária que, em cenas curtas, é ridicularizada pelos amigos por ser velha e gorda, porém, em “Discurso aos cães”, não só é protagonista como, nas narrativas em que aparece, apresenta-se consciente da situação miserável em que vive e da hipocrisia reinante na sociedade que produziu sua situação. Referimo-nos à ideia de consciência por dois motivos: o primeiro é que essa personagem é geralmente apresentada a partir da perspectiva de outras e o segundo diz respeito ao fato de Alvarenga ser apresentado, em algumas situações, como se não fosse capaz de compreender a maldade das demais pessoas. Traço que acreditamos ser uma estratégia utilizada pelo escritor para mostrar a violência estrutural em ação.

A obra de Raimundo Carrero é arrebatadora, pois conduz o leitor, aquele que se propõe a isso, a encarar a crueldade da desigualdade social, e Alvarenga é uma das personagens mais emblemáticas nesse sentido. Essa crítica, presente na obra carreriana, pode ser associada ao conceito de violência estrutural de Galtung (2018), pois o pensador a define como um tipo de

violência que não pode ser rastreada até um indivíduo e tem como uma de suas marcas a desigualdade de oportunidades. Desse modo, numa estrutura social violenta:

Os recursos são distribuídos desigualmente, porque a distribuição de renda é fortemente injusta, a alfabetização/educação é desigualmente distribuída, os serviços médicos estão presentes apenas em algumas regiões e para alguns grupos exclusivos, e assim por diante. Acima de tudo o poder de decidir sobre a distribuição dos recursos é irregularmente dividido. A situação é agravada se as pessoas forem de baixa renda, educação, saúde e poder — como frequentemente é o caso porque classificar essas dimensões tende a estar diretamente relacionado a métodos vinculados na estrutura social. (GALTUNG, 2018, p. 39, tradução nossa.)

Percebe-se que há todo um aparato organizado que contribui para a manutenção da violência estrutural, a qual passa pela exclusão, pela desigualdade e principalmente pelo fato de essas vítimas não terem acesso ao poder e ao modo como ele se organiza para distribuir os recursos entre os membros de uma cidade, estado ou país. Essa discrepância seria, na visão do pensador, uma das formas pelas quais a violência estrutural se enraíza na sociedade e conseqüentemente se perpetua de forma tão sutil que ganha status de normalidade. O conto carreriano apresenta personagens que estão completamente envoltas nesse universo de desigualdade, pois ocupam um espaço social dominado pela miséria e exercem profissões totalmente desvalorizadas.

O primeiro parágrafo de “Discurso aos cães” já nos mostra Alvarenga a partir de uma perspectiva violenta, se entendermos que o narrador, em terceira pessoa, o caracteriza de modo a mostrar como o meio em que ele se encontra o torna diminuto e inferior. A apresentação da personagem se dá da seguinte forma:

Não bastou o dia inteiro trabalhando. Não bastou, ele sabe. Vestido de Papai Noel, **o gordo** Alvarenga, tocando o sino pelas ruas, anunciando as maravilhas do comércio, **lutava suado e abatido. Humilde e grotesco.** Brincando com os meninos, distribuindo balas, **trocando insultos** com os concorrentes. **A voz rouca, as pernas cansadas** – um homem a quem não se daria único níquel sequer por compaixão. Um homem cheio de piedade e de amor, **servindo de isca para os fregueses, atormentado pelo sol e pelo barulho, confuso e terno.** (CARRERO, 199, p. 14, grifo nosso.)

A caracterização do ambiente e a adjetivação utilizada para definir a personagem remetem a um clima de ambigüidade que está relacionada tanto às próprias características físicas e comportamentais dela quanto ao papel que exerce na sociedade. Percebe-se que Alvarenga é mostrado a partir de adjetivos que são pouco valorizados socialmente. É o caso, por exemplo, de “gordo”, “suado”, “abatido”, “humilde”, “grotesco”, “atormentado”, “confuso” etc. Essa escolha vocabular sugere que a personagem não se sente bem no espaço

que ocupa, tampouco é aceita. No entanto, ela é um retrato de muitos brasileiros que precisam lutar por sua sobrevivência todos os dias, nas ruas das grandes cidades do país.

É preciso destacar ainda que, em face dessa escolha semântica negativa, há também uns poucos destaques para uma visão positiva de Alvarenga, que pode ser visto em “homem cheio de piedade e amor” e “terno”, por exemplo. Aspectos que apontam para uma ambiguidade vivenciada pela personagem num mundo excludente, em que sua bondade e ternura são anuladas por não apresentar uma imagem valorizada pelo mundo que o excluiu. Além disso, quando o narrador faz referência ao fato de que Alvarenga está anunciando as maravilhas do comércio e que serve de isca para atrair fregueses, há também uma crítica ao consumismo, tendo em vista que o comércio, ironicamente, se aproveita de alguém que não se adequa aos seus padrões, visando obter o lucro.

Amante-protetor de Raquel, espécie de cafetão às avessas, Alvarenga é criticado, gritado e dominado pela jovem. É para satisfazer um desejo dela que se fantasia de Papai Noel, no período natalino. Além disso, trabalha em dupla jornada, pois, à noite, bate um sino para chamar os homens, fregueses da jovem:

No entanto, a missão mais cruel não era apenas andar rua e rua, sol e chamas, **transformado no homem que chamavam de bom e presenteador**, mas ficar ali sentado no tamborete, passado todo o dia de trabalho, avisando mulheres que os homens estavam chegando. (CARRERO, 1999, p. 141, grifo nosso.)

O texto vai apresentando indicações do quanto Alvarenga se sente incomodado com a função que exerce, é o caso de “anunciar as maravilhas do comércio”, “servir de isca para os fregueses”, no trecho anterior, e andar pelas ruas no sol travestido do homem “que chamavam de presenteador”. Chama a atenção porque há a ideia de um distanciamento, nessa última frase, pois o narrador faz questão de deixar claro que discorda da ideia corrente em relação ao Papai Noel, assim como coloca o trabalho de servir à prostituição de Raquel como mais cruel. Isso pode ser compreendido como excesso de cansaço da personagem, mas também como uma visão negativa associada à prostituição, profissão notadamente desvalorizada. A insatisfação da personagem, no desenvolvimento da narrativa, ganha tom de revolta:

Sentado, vê o cachorro se aproximando. [...] Os dois se entendem. E se pudesse lhe dizer todas as palavras que tem no coração, se lhe pudesse fazer o discurso que deseja, o discurso que tem pronto há tanto tempo e que ninguém quer ouvir? Faz-lhe mal a pobreza, muito mais do que a pobreza, o insulto da miséria, da fome e da solidão. Gostaria de lhe falar como o Alvarenga que pouca gente conhece, que ninguém entende, que ninguém observa. Gostaria de lhe falar com raiva (CARRERO, 1999, p. 143-144).

Essa insatisfação, como o texto sugere, fica num plano hipotético, pois ele permanece silenciado porque não tem quem o queira ouvir. Até porque as pessoas (sociedade) não querem que ele tenha esse tipo de reflexão, que questione sua posição no mundo onde vive. O trecho também enfatiza a crítica à violência estrutural, pois deixa clara a problemática da desigualdade social. Essa voz que não consegue se impor está chamando a atenção para a sua condição social e o quanto ela é vergonhosa, diante de uma sociedade em que uma pequena parcela de seus membros tem dinheiro para usufruir de uma vida luxuosa. Parece-nos também que a personagem fala com o cachorro, que não o entende, e a obra com um mundo que não quer se olhar no espelho, preferindo manter invisíveis os marginais dos quais se alimenta para consumir o Natal e a sua vida como um todo. Quanto à questão da desigualdade social, Odália (2017), ao falar sobre a violência institucionalizada, afirma:

O ato rotineiro e contumaz da desigualdade, das diferenças entre os homens, permitindo que alguns usufruam à saciedade o que à grande maioria é negado, é uma violência. São os hábitos, os costumes, as leis, que a mascaram, que nos levam a suportá-la como uma condição inerente às relações humanas e uma condição a ser paga pelo homem, por viver em sociedade. Agimos como se a desigualdade fosse uma norma estabelecida pela natureza da sociedade e contra a qual pouco é possível, enquanto o “mundo for o mundo” (ODÁLIA, 2017.)

Assim, percebe-se que o modo como a sociedade se organiza permite que a violência estrutural seja institucionalizada e transformada em algo rotineiro e, como menciona Galtung (2018), assemelhe-se à roupa que vestimos e ao ar que respiramos. A raiva de Alvarenga é uma forma de dizer que é preciso olharmos para essa situação com indignação e que deixemos de normalizar a desigualdade social. Por meio da ideia de que a fome e a miséria é um insulto, o conto evidencia uma característica que faz parte das narrativas do escritor: desnudar a violência estrutural.

Alvarenga continua com suas palavras de protesto e indignação:

Cão, ele diz, estas celebrações natalinas são estúpidas e inúteis. Nada mais idiota. No entanto me comove este velho Papai Noel imbecil, e que eu sou obrigado a representar, com uma gargalhada oca e extraordinariamente ridícula. Aliás, cão, nem só o velho Papai Noel me comove: tudo nesta trágica raça humana me comove, a árvore enfeitada e cheia de luzes, o trenó vagabundo e os cânticos banais. Só tenho um sentimento, cão, apenas um: vontade de chorar amarga e dolorosamente, solitário e infeliz – grande bobagem esta de viver para acompanhar o terrível drama de damas e cavalheiros, meninos e donzelas que se emporcalham na bestial tarefa de rir, de cantar e de dançar. É como se rissem, cantassem e dançassem num grande e nojento monte de merda, sob a justificativa canalha de que comemoraram o nascimento de Cristo. O Menino Jesus é outro, ele é aquele que foi perseguido mesmo estando no ventre da mãe, a Virgem Santíssima, expulso das cidades, submetido a vexames, nu e pobre, escarnecido e insultado. (CARRERO, 1999, p. 144.)

Há, claramente, no trecho acima, uma relação de intertextualidade entre os textos bíblicos dos evangelistas que descrevem o nascimento de Jesus e a sugestão de que a vivência de Alvarenga se aproxima mais do nascimento do nazareno de que aquilo que se faz para comemorar seu nascimento. Além de se distanciarem da ideia de religiosidade presente no conto, essas comemorações não fazem sentido para Alvarenga e seu grupo, pois ele não tem acesso ao consumismo e ao universo fantasioso construído em torno do Natal. O sino, instrumento simbólico no período natalino, ganha duplo sentido, no texto, pois é com ele que Alvarenga convida os homens para se divertirem ou fugirem de suas próprias dores com sua amada. Nessa noite de Natal ficcionalizada em “Discurso aos cães”, o sino só toca uma vez e mesmo assim não consegue atrair nenhum freguês.

Essa noite natalina é triste e solitária para esses membros rejeitados pela sociedade, sem cânticos, risos, festas, bebidas nem comida, o prostíbulo é todo abandono e isso justifica toda a construção discursiva pesada pela qual o texto vai sendo desenvolvido, com palavras de teor pejorativo referentes às festividades natalinas. O conto mostra o abismo de uma das formas pelas quais a violência estrutural pode se manifestar na figura de Alvarenga, que durante o dia se traveste daquele que se tornou o grande símbolo do Natal e à noite se encontra impelido para a marginalização para a qual a mesma sociedade o empurrou.

Alvarenga pertence a uma galeria de invisíveis e tem consciência disso, tanto que, após seu discurso para o cachorro, o narrador afirma: “Nem o cão nem as mulheres, nem o povo nem os poderosos iriam compreendê-lo. Cala-se” (CARRERO, 1999, p. 144). Sua exclusão se dá de forma múltipla, por ser pobre, velho, gordo e desempregado. Ironicamente, a violência estrutural por trás da estrutura social que permite produzir a desigualdade que afeta Alvarenga produz uma ideologia que o exclui e ridiculariza. Nesse sentido, Žižek (2014), ao falar sobre a violência sistêmica ou objetiva, sugere que ela está relacionada ao fato de que, no sistema capitalista, para que um “seleto grupo” usufrua de um excesso de regalias, é necessário que uma enorme quantidade de pessoas seja sacrificada a viver na miséria. Alvarenga é um exemplo disso.

Algumas considerações

Essa personagem é silenciada em toda a obra de Carrero. Esse silenciamento já aparece marcado pela escolha do foco narrativo em 3ª pessoa, uma vez que sua voz não é ouvida em discurso direto, sendo sempre apresentado a partir da perspectiva de outras personagens ou do próprio narrador. Destacamos isso porque acreditamos que essa é uma das formas pelas quais

a obra carreriana se organiza para criticar a sociedade e suas injustiças. Nesse conto, surpreendentemente, Alvarenga, em meio à sua passividade rotineira, tem um lapso de revolta, que naturalmente, apesar de externar, é como se guardasse para si, uma vez que ninguém escuta nem quer escutar, como o narrador evidencia. O discurso de Alvarenga, dirigido ao cachorro de rua, poderia ser o desabafo de centenas de brasileiros que vivem sem acesso a saúde, educação, emprego, moradia e comida e que todos os dias se revoltam contra um mundo que não os escuta.

Carrero publicou esse texto em 1999, provavelmente o escreveu antes, então a obra, desse modo, está se reportando a uma problemática social vigente nas décadas de 1980 e 1990; hoje, 2023, mais de vinte anos depois, a fome, o descaso, a miséria continuam presentes. O texto está atualizadíssimo, assim como as futilidades e o consumismo inerentes às festividades natalinas e a diversas outras ditas religiosas. Desse modo, a personagem une dois aspectos, a riqueza e a pobreza, no entanto apenas consegue vivenciar o segundo. O luxo representado pela figura de Papai Noel não é destinado a ele, cabe-lhe apenas o “lixo”, trabalhando no sol, de forma totalmente desconfortável, sem direito algum e sem respeito social, ainda que tenha que se vestir de um símbolo que expressa a ostentação do Natal.

A narrativa carreriana, ao retratar a problemática da pobreza e da exclusão social, está fazendo uma severa crítica à sociedade, que hipocritamente finge não ver a miséria para não aceitar sua responsabilidade. Fenômeno a que Iasi (2013) chama de *consciência cínica*, pois leva as pessoas à tolerância, uma vez que sabem do problema, mas fingem não o ver. Embora não possamos identificar um indivíduo específico para nomear como responsável pela violência estrutural, não podemos esquecer que essa estrutura é formada por pessoas ou grupo de pessoas que produzem desigualdades e injustiças e que, geralmente, o fazem para a manutenção de determinados privilégios. Além do mais, concordamos com Lins (1990) que a existência de uma obra de arte que comunique sobre a violência já se constitui numa resposta a essa problemática presente na sociedade.

Fica evidente a total invisibilidade de Alvarenga perante a sociedade e destaca-se também a crítica que o narrador faz em relação ao descaso em que ele vive. Podemos perceber isso especialmente no discurso que evidencia a fala de Alvarenga afirmando que sua situação é um insulto. Naturalmente esse discurso da personagem aponta para uma crítica da violência estrutural, tendo em vista que essa problemática não está sendo causada por ele a si mesmo, mas pelo mundo que o rodeia. Desse modo, essa crítica está direcionada à sociedade e à geração de miséria que torna Alvarenga completamente obsoleto. Além disso, as comemorações natalinas, nesse conto, funcionam como metáfora para representar o modo

como a sociedade está organizada: enquanto uns cantam, festejam e jogam comida fora, outros passam fome. Assim, é preciso que a revolta expressada por Alvarenga, nesse texto, seja também a nossa revolta, para que as pessoas que vivem no mundo real, e não apenas no mundo da ficção, como ele, consigam em algum momento não viver insultados pela fome e pela miséria.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Tradução por Maria Helena Franco Martins. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018. E-book Kindle.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. revista. São Paulo: Brasiliense, 2012 (Obras escolhidas v.1). p. 213-240.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.

CANDIDO, Antonio. Censura? Violência. In: **CANDIDO, Antonio. Recortes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CANDIDO, Antonio. **Dialética da malandragem**. Revista do Instituto Estudos Brasileiros, nº 8, p. 67-89. São Paulo: USP, 1970.

CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida Prado; GOMES, Paulo Emílio Salles. **A personagem de ficção**. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CARRERO, Raimundo. **Maçã agreste**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

CARRERO, Raimundo. **As sombrias ruínas da alma**. São Paulo: Iluminuras, 1999.

CARRERO, Raimundo. **Somos pedras que se consomem** 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2001.

CARRERO, Raimundo. **A minha alma é irmã de Deus**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

CARRERO, Raimundo. **Seria uma sombria noite secreta**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

CARRERO, Raimundo. **Tangolomango: ritual das paixões deste mundo**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

CARRERO, Raimundo. **Condenados à vida**. Recife: Cepe Editora, 2018.

CARRERO, Raimundo. **Condenados à vida: 70 anos de Raimundo Carrero**. Recife: Museu do Estado de Pernambuco, 2018. Catálogo de exposição, 13 nov.-16 dez. 2018, Cepe.

FRIEDMAN, Norman. **O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico.** Revista USP. São Paulo, n, 53, p. 166-182, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i53p166-182>. Acesso em: 24 de abr. 2022.

GALTUNG, Johan. **Cultural Violence.** *Journal of Peace Research*. v. 27, n. 3. (Aug., 1990), p. 291-305. Disponível em: <http://links.jstor.org/sici?sici=0022-3433%28199008%2927%3A3%3C291%3ACV%3E2.0.CO%3B2-6>. Acesso em: 16 de out. 2021.

GALTUNG, Johan. **Violence, peace and peace research.** Organicom: Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas. São Paulo, n, 28, p. 33-56, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/organicom/issue/view/10839/1450> Acesso em: 16 de out. 2021.

GINZBURG, Jaime. **Crítica em tempos de violência.** São Paulo: EDUSP, 2012.

HOLANDA, Lourival. **“Carrero leva a literatura ao front de batalha”.** Revista Pessoa. Disponível em: Revista Pessoa - "Carrero leva a literatura ao front de batalha" Acesso em: 04 ago. 2022.

IASI, Mauro. Violência, esta velha parteira: um samba-enredo. In: ŽIŽEK, Slavoj. **Violência: seis reflexões laterais.** Tradução de Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014.

IASI, Mauro. **Pode ser a gota d’água: enfrentar a direita avançando a luta socialista.** Disponível em: Pode ser a gota d’água: enfrentar a direita avançando a luta socialista – Blog da Boitempo. Acesso em: 04 jul. 2023.

LINS, Ronaldo Lima. **Violência e literatura.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

MELO, Priscila M. V. **Raimundo Carrero e a pulsação narrativa: um movimento vigoroso e didático de criação literária.** 2017. 237 f. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura)? Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

ODALIA, Nilo. **O que é violência.** Brasiliense, 2017. E-book Kindle.

PEREIRA, Carlos Alberto M... [et al.]. **Linguagens da violência.** Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

PEREIRA, Marcelo. **Raimundo Carrero: a fragmentação do humano.** Recife: Caleidoscópio, 2009.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI.** São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SIQUEIRA, Sabrina. **Aspectos de violência em contos gauchescos e dublinenses.** Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo: literatura, comparatismo e crítica social, Cascavel, n. 14, p. 182-190, 2015. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/LA/index>. Acesso em: 20 jul. 2020.

ŽIŽEK, Slavoj. **Violência: seis reflexões laterais**. Tradução de Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014.